

Educação e parasitismo dialético - as operações ideológicas do capital na educação

Euvaldo Cotinguiba Gomes
Instituto Federal Baiano, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: euvaldo.gomes@ifbaiano.edu.br

Cláudio Eduardo Félix dos Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: claudio.felix@uesb.edu.br

954

Palavras-chave: Capital. Educação. Ideologia. Parasitismo

INTRODUÇÃO

Marx afirmava que há uma alienação causal, raiz de todas as demais alienações, a “alienação do trabalho” (Mészáros, 2006, p. 21), ao tratarmos essa questão em sua relação com a educação e no cenário de sociedade no qual nos encontramos levantarmos a hipótese de que em nosso processo educacional perpetuamos as condições formativas para que a causa dessa alienação siga imperando. Afirmamos essa ideia a partir de elementos bastante substanciais presentes nos modelos formativos disseminados e postos como meios para que os estudantes futuramente acessem o mercado de trabalho. A educação que temos resulta da consciência alienada e ao mesmo tempo opera como causa e efeito da alienação. Objetivamos assim mostrar que esse problema resulta de um processo complexo e para entendê-lo propomos pensá-lo como uma relação de parasitismo¹ ao qual acrescentamos o termo dialético, ou seja, propomos aqui entender essa problemática a partir desse conceito que trazemos para discussão; a educação que é pensada para transformar por estar dentro de uma sociedade que a mantém e que a coloca

¹ **Parasitismo** é uma relação de alto grau de proximidade entre dois seres vivos, na qual um organismo vive dentro de ou sobre outro, com o parasita tendo um metabolismo dependente de e podendo causar danos ao hospedeiro. No entanto, o grau de prejuízo ao hospedeiro é muito variável, de acordo com o ambiente em que os dois organismos interagentes se encontram e quais são as espécies em questão.

Realização:



Apoio:



com a finalidade de formar os cidadãos que compõem essa mesma sociedade acaba vivendo num permanente *parasitismo dialético* à medida que almeja transformar, forma para transformar, mas por fim forma aqueles que vão continuar com o sistema, pois sem ele acabaria por sucumbir-se assim como qualquer parasita cujo hospedeiro venha a deixar de existir.

METODOLOGIA

O presente trabalho toma como metodologia a revisão bibliográfica como caminho de exploração e compreensão da problemática apresentada buscando elementos que possibilitem uma análise crítica da real situação do problema apresentado acerca da educação. Nossa revisão parte de autores do campo materialista histórico como Catini (2021), Frigotto (2012), Mészáros, (2016) dentre outros. Pretendemos explorar conceitos presentes nestes autores a fim de conseguirmos identificar elementos que nos amparem em nosso entendimento do problema apresentado.

DISCUSSÃO

Na contemporaneidade a Escola cada vez mais se converte em um espaço de treinamento, tudo isso possível graças ao consenso e hegemonia que as empresas dos mais diversos seguimentos passam a ter dentro desses espaços. Nesse ponto, interessa-nos pensar de que forma o setor privado passa a municiar e alimentar os espaços públicos com suas ideologias e com todo aparato de condições que lhes interessam para poderem, assim, estender os tentáculos de sua exploração sobre os dominados. Catini (2021) nos dá uma pista de como esse processo ocorre ao postular que:

O alto empresariado nacional apresenta suas ações como atividades “sem fins lucrativos” e promotoras de engajamento nas causas sociais enquanto parte da juventude que não tem mais nada o que vender – ou investir – além de sua própria pele, se autor representa como “ativista” do próprio empreendedorismo, ostentando um modo de vida “empoderado”, “autossustentável”. Desse modo, a empresa privada pode aparecer livre da forma empresarial e a juventude trabalhadora como simulacro de empresas de si mesmos. Talvez isso ocorra porque, de fato, há uma espécie de ativismo empresarial que se volta para os direitos sociais de trabalhadores e trabalhadoras, enquanto a militância

Realização:



Apoio:



juvenil – por adesão ou por necessidade – acabam representando papel de devoção ao capital (Catini, 2021, p. 92, grifos da autora).

No entanto, nos interessa aqui apontar como esse processo alcança e se estabelece dentro das escolas. É por meio dos diversos projetos desenvolvidos nesses espaços e de toda a ideologia que trazem consigo que consolidam e sustentam a Educação como mais um *front* para a exploração. Vale salientar que tudo isso vem devidamente justificado como projetos de recuperação, requalificação, reforço escolar etc. tudo isso posto como forma de melhorar e aperfeiçoar a educação dentro dos padrões dos organismos internacionais promotores de iniciativas e diretrizes para melhorar os sistemas educacionais conforme os interesses do sistema capitalista.

Tais projetos são devidamente subsidiados pelas ações dos grupos financeiros por trás das diversas fundações e sua “boa vontade” em transformar e melhorar a vida educacional do país. A esse respeito reflete Gaudêncio Frigotto (2012), quando diz que:

A ideologia do capital humano atualiza-se por novas noções que agudizam o ocultamento da perda do direito ao emprego, precarização, exploração e novas formas de expropriação do trabalhador e de adequação do conhecimento, cultura e formação ao que serve ao mercado e à acumulação de capital. No plano mais geral desaparecem as palavras de nação e desenvolvimento que são substituídas por mercado e mercados emergentes; O trabalho metamorfoseia-se em “trabalhabilidade ou laborabilidade” e a noção de emprego em “empregabilidade”; os direitos conquistados por desregulamentação e flexibilidade; a qualificação transmuta-se em carteira de competências e habilidades”. O resultado cínico desta operação ideológica é culpar o trabalhador por seu desemprego ou precarização do mesmo (Frigotto, 2012, p. 12, grifos do autor).

Nesse ponto, chamamos atenção à questão sobre como o discurso empresarial, do sujeito que se realiza exclusivamente pelas vias do trabalho, daquele que por mérito próprio conquista o mundo acabou por forjar o “indivíduo ideal” para a empresa. A escola envolveu-se e trouxe para dentro dos seus espaços a responsabilidade de formar esse “neo-sujeito”, esse “homem que faz a si mesmo” (Dardot; Laval, 2016, p. 327). Há, portanto, uma nova forma de conceber o trabalho e a relação do sujeito com o trabalho e com a empresa.

Realização:



Apoio:



O princípio dessa nova ética do trabalho é a ideia de que a conjunção entre as aspirações individuais e os objetivos de excelência da empresa, entre o projeto pessoal e o projeto da empresa, somente são possíveis se cada indivíduo se tornar uma pequena empresa. Em outras palavras, isso pressupõe conceber a empresa como uma entidade composta de pequenas empresas de si mesmo (Dardot; Laval, 2016).

Nossa ideia acerca do *parasitismo dialético* para definir esse processo altamente ideologizado presente na educação a partir da reestruturação produtiva que sustenta que o trabalhador para manter o seu emprego ou para ter um emprego precisa sempre estar se formando e aperfeiçoando-se continuamente. A educação por meio da escola tornou-se o espaço de seleção prévia do mercado aonde os estudantes chegam para se formar ou complementar sua formação tendo nela o forte discurso de que se ele se aperfeiçoar terá mais condições de emprego; a ideologia do mercado perpassa as práticas discursivas já embutidas nas teorias a que eles acessam. Esse processo fica mais evidente nos cursos de formação técnica, tecnológico e nos diversos cursos superiores ofertados em larga escala na atualidade onde o discurso da empregabilidade é cada vez mais presente.

Por meio deste processo a educação metamorfoseia-se ininterruptamente em causa e efeito do emprego/trabalho. Há uma relação de linearidade entre educação e emprego que não se sustenta, mas é continuamente posta como verdade. A mesma educação que forma, deforma no sentido de fazer com que os sujeitos formados estejam formados tecnicamente para atender àquilo que o mercado espera deles, mas são incapazes de perceber-se como os “fora do sistema”. Estes novos trabalhadores acreditam que se trabalharem “direitinho” vão vencer na vida, ter valor e status tal qual a escala ditada pelo sistema. Neste contexto encontramos no termo *parasitismo dialético* uma chave para explicar tais situações. Pensamos o *parasitismo*, fazendo aqui uma analogia do seu sentido biológico, como uma relação de alto grau de proximidade entre dois seres vivos, aplicando-o à relação dos sujeitos envolvidos na educação e as instituições, sociedade e estado, macrocosmo destas relações. Como no mundo biológico, podem até mesmo um viver dentro do outro ou sobre o outro, onde o parasita chega a ter metabolismo dependente. O grau de prejuízo pode ser variável dependendo de uma série de fatores e condições como as ambientais em que estes organismos se encontram. Vale salientar que a sobrevivência e conservação do hospedeiro interessa ao parasita, pois ele depende

Realização:



Apoio:



daquele, não há como o parasita sobreviver sem o seu hospedeiro. Chamamos de *Parasitismo Dialético* porque o parasita neste caso transforma justamente os sujeitos em seu hospedeiro utilizando de um discurso que à primeira vista parece transformador e que se firma mediante sólido processo ideológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

958

Observamos que ao aplicarmos essa análise à questão da educação o discurso ideológico por trás dos sistemas educacionais se escondem justamente nos projetos ancorados em discursos transformadores e libertadores, eles apresentam-se como condição de transformação para indivíduos que não trazem e não têm nenhuma condição de mudança a partir da realidade e condições materiais em que se encontram, mas mesmo estes indivíduos são convencidos e passam a acreditar que poderão também acessar a tudo aquilo que sejam capazes de desejar, pois operam com estes de forma muito eficiente no campo dos desejos. Lembramos aqui Manoel Bomfim em sua tese acerca do Parasitismo Social² quando afirmava que “O parasitismo normalizou-se, entrou nos costumes, como a coisa mais natural da vida” (BOMFIM, 2005, p. 120).

Pensamos que essa mesma ideia se aplica aos dias atuais no que se refere ao pensamento e à prática educacional em nosso país, “normalizou-se”, tudo é normal, inclusive produzir teorias e discursos cujas práticas os contradizem de imediato, mas seguem dentro dele por terem sido convencidos de que fora seria a morte. E assim o hospedeiro do parasita torna-se o parasita, do antes parasita que agora parece um hospedeiro, mas segue mesmo é como parasita devidamente resguardado pelo próprio hospedeiro.

² - Manoel Bomfim cunhou e utilizou o conceito de parasitismo social para analisar os problemas da América Latina. Ele rejeitou a ideia de que a mestiçagem fosse degenerativa e, em vez disso, usou a metáfora do parasitismo social para explicar as dificuldades enfrentadas pelas nações latino-americanas em termos políticos, econômicos e sociais, sobretudo em relação à Europa ao processo colonial sofrido nestes países.

Realização:



Apoio:



REFERÊNCIAS

BOMFIM, M. América Latina: males de origem. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005 [1905].

CATINI, C. R. A Educação Bancária, “Com um Itaú de Vantagens”. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v.13, n.1, p. 90-118, abr. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/43748>. Acesso em: 26 out. 2022.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

FRIGOTTO, G. Educação e Trabalho em Tempos de Insegurança. In: Ciclo de Conferências do Bacharelado em Ciências do Trabalho. 2012. Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: DIESE. 2012. Disponível em: <https://www.sinproeste.org.br/wp-content/uploads/2013/04/DIESE.-Artigo.-2012.pdf>. Acesso em: 22 set. 2022.

MÉSZÁROS, I. **Educação Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 4ª ed. 2016.

Realização:



Apoio:

